

***A Heterodoxia de ser livre***

Nos ensaios, nos comentários, nas entrevistas e em múltiplas intervenções culturais, Eduardo Lourenço ganhou um lugar incontornável, antes e depois de 1974, em repensar Portugal na Europa. E fê-lo a partir da análise das configurações que construímos de nós próprios, nesse “labirinto da saudade” que escolheu para título de um dos seus principais livros, preferindo a pesquisa à margem dos consensos, a suspeita face aos cânones, e recusando seduções ortodoxas e tentações relativistas. Os investigadores têm vindo a desbravar a sua obra tornando-a mais "acessível" ao público, e facultando chaves de compreensão, afinal a intenção deste Congresso. Por mim, pretendo chamar a atenção que uma dessas ‘chaves’ de reflexão’ reside numa dialéctica aberta que lhe proporcionou uma "grelha de leitura" para as realidades culturais e, mais especificamente, para as configurações da identidade nacional.

Não é possível falar de dialéctica sem invocar Hegel. E o confronto de Lourenço com Hegel surge em *Heterodoxia I*, o seu livro que li com olhos de aprender. <sup>1</sup>Publicado em 1949 numa época em que dominava o confronto entre ortodoxias e nihilismos, a obra rasgava horizontes novos: «A heterodoxia é a humildade do espírito, o respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro». (p.6) Estas palavras hegelianas eram uma promessa de abertura, herdando de António Sérgio a visão crítica, mas prolongando-a com uma espiritualidade que se alimenta de um cristianismo e de naturalismo por onde depois passarão Kierkegaard e Camus.

O livro vinha encabeçado por um prólogo em que, muito poeticamente, se anunciava a paixão circular da vida por si mesma, ilustrada pela mítica serpente Migdar que aliás ornamenta o logo deste mesmo Congresso.

No primeiro capítulo, “a Europa ou o diálogo que nos falta». Eduardo Lourenço é muito contundente ao anunciar o que será sua área de eleição durante sessenta anos: «O mundo da cultura portuguesa arrasta há quatro séculos uma existência crepuscular». Falhara os acontecimentos

---

1 Citado seg. edição Assírio e Alvim, 1987.

fundadores da modernidade (a reforma luterana, a ciência físico-matemática e a filosofia cartesiana), a cultura portuguesa, «perdeu o que tinha de vivo e prometedora, para conservar apenas o comentarismo ruminante e estéril.» De permeio, surge um pequeno ensaio intercalar “sobre a permanência do mundo do espírito” que diz bem da ressonância no autor de pensadores germânicos como Hegel, Goethe, Schopenhauer e Nietzsche que admiram as *Claridades do Sul*, sendo que ele, português sem fronteiras, não se deixa cegar pelo sol da terra.

Contudo, a *pièce de résistance* é sem dúvida o capítulo “O Segredo de Hegel ou o equívoco da Dialética, uma funda meditação sobre “O Sentido da Dialética no Idealismo Absoluto” que até hoje, tem servido de guia a Lourenço: A leitura de Hegel empreendida recapitula as grandes questões da filosofia, com base em estudo aturado das fontes e dos comentadores mais relevantes da época. Deixando de parte tecnicismos de análise, aqui descabidos, é relevante dizer que revela um domínio das intenções hegelianas, e em particular da *Fenomenologia do Espírito*, destacando as categorias do processo de diferenciação da consciência.

O primeiro capítulo introduz as categorias que ajudaram Hegel a construir o idealismo absoluto e o método da dialética fechada: o sistema, a verdade, o absoluto: “A verdadeira figura na qual a verdade existe não pode ser senão o sistema científico dessa verdade” (*Heterodoxia I*, p. 73)

No segundo capítulo, narra-se o processo de diferenciação do Cogito desde descartes até Kant. São convocados os mais diversos autores para mostrar que *In interiore homini habitat veritas*, como escreveu S. Agostinho ou que “Todo o sair de si é um estar dentro” (p.41). A verdade, escrita com letra pequena, procura-se dentro do homem: mas a Verdade com letra grande, essa é outra coisa; tem que ser construída a partir da pesquisa do ser, que é a essência de todos os grandes problemas filosóficos

No terceiro capítulo, “De Kant a Hegel”, título acadêmico que releva da historiografia filosófica, mostra-se como o impulso kantiano levou pensadores como Fichte, Schelling e Hegel a emular a ciência e procurar o método do saber absoluto. O fundamento é o *cogito* no sentido de consciência transcendental que acompanha todas as representações. Hegel percebeu que a coisa em si de Kant era absurda e, sobretudo, percebeu que o conhecimento não se identifica com nenhuma visão particular. Como resultado das lacunas das posições filosóficas unilaterais, concluiu que o movimento da filosofia reside no processo de transformar cada uma das posições particulares nos seus opostos, até encontrar uma síntese ou composição. Mas esta sua dialética tem um preço demasiado caro: o princípio kantiano da independência da razão é transformado em totalidade concreta; verdade, consciência e sistema tornam-se sinónimos e a dialética fecha-se.

O ensaio termina pela refutação lourenciana da dialéctica fechada de Hegel, “reveladora de contradições mas conciliadora de opostos” (p.78). A consciência deve renunciar ao absoluto, porque vive “entre a imediatidade do mundo que nega e o transcendente que a nega” a ela. A vida é oposição inesgotável e a realidade é interina. Enquanto o mito de Midas representa o desejo de posse de todas as coisas, o de Semele é de quem não pode viver sem a face de Zeus. A absoluta posse de Midas e a absoluta privação de Semele são a imagem do existente. O ser humano tem que viver com a “luta do Absoluto”, com a serpente de Migdar, para se libertar individualmente.

## **B. A leitura de Hegel**

O principal problema na compreensão de Hegel reside no próprio Hegel e na relativa intractabilidade da sua escrita. A minha experiência de leitura e ensino de Hegel mostra que nem sempre se percebe um parágrafo da *Fenomenologia do Espírito* (adiante citado como PhG); a sensação é idêntica à de ter perdido um metropolitano, e ter que esperar pela composição seguinte. Mais profundamente escreveu Hans-Georg Gadamer que a experiência de leitura de Hegel é de que, quanto mais se progride na interpretação de uma secção, mais se é conduzido ao conteúdo que Hegel explica na secção seguinte.<sup>3</sup> Por outras palavras, tudo na PhG conspira para nos aproximar do saber absoluto, e do fim da história.

Um esboço sumariíssimo de Hegel é necessário para compreendermos como Eduardo Lourenço apreendeu toda a amplitude dessa filosofia e porque pensa de modo pós-hegeliano. Para demonstrar isso, basta concentrarmo-nos no curto capítulo final da *Phänomenologie des Geistes*. São quinze páginas intituladas *Saber Absoluto*, que fazem a retrospectiva da vida do Espírito descrita nas quinhentas páginas anteriores que deveriam servir de introdução à projectada “IIª parte do Sistema da Ciência” - a futura *Lógica* - sendo redigido na perspectiva do sábio, a mesma perspectiva do Prefácio e de todas as passagens da PhG assinaladas pela expressão *für uns*.

Segundo Hegel, no início da história humana está o desejo que é murmúrio ininteligível e o mito que é silêncio conceptual. No fim da história virá o discurso total do absoluto. Entre o começo e o fim, surgem as configurações humanas, os projectos criados para responder ao presente insatisfatório. O ser do homem é a sua acção. Fenomenologicamente, a acção aparece como luta e trabalho. Ontologicamente, a negatividade é finitude do ser. Historicamente, o mundo criado pela acção tem um princípio e um fim.<sup>4</sup>

---

2 PhG, *Phänomenologie des Geistes*, edição J. Hoffmeister, Hamburg, Felix Meiner, 1952.

3 *Hegel's Dialectic: Five Hermeneutical Studies*, New Haven, Yale University Press, 1976, p.36

4 “A experiência da virtude é esta que o fim já foi atingido e que a felicidade é a acção e que a acção é o bem.”PhG

Nos três capítulos iniciais da obra, Hegel descreve como o homem ganha consciência de si através dos elementos cognitivos. Sabendo-se em desarmonia com o mundo, procura o acordo através de trabalho e luta, contexto em que ocorre a famosa passagem da dialéctica do Senhor e do Escravo. No cap.IV Hegel trata abstractamente de seres concretos, estudando o humano sem atender à sociedade e à história. No cap. V, trata concretamente de seres humanos que se apresentam como abstractos na sociedade e na história; são as configurações do moralista, do cientista, do *fainéant*, do letrado, todos eles despolitizados. no cap. VI trata as atitudes políticas segundo a dialéctica da histórica: é a sequência dos mundos arcaico, clássico, medieval, e moderno até culmina na realidade napoleónica e germânica. Após o tratamento da religião no cap. VII, o cap. VIII final descreve a atitude do sábio no fim da história.

A elevação até ao saber absoluto - o conceito que é realidade e o conhecimento que é poder - é tarefa que culmina na auto-liquidação da filosofia.<sup>5</sup> Esta proposta será confirmada pela descrição da relação do sábio com o filósofo no cap.VIII. A dialéctica do sábio e do seu mundo contém a totalidade dos elementos da consciência.<sup>6</sup>O sábio integra todas as possibilidades existenciais ao conceptualizá-las. Mas pode o homem de acção ser filósofo? Para Hegel muitos ficavam pela *gedankenloser Tragheit*, a inércia impensante que não deixa o homem sair da inconsciência, ou que não o deixa articular conceptualmente a existência. Em contrapartida cada cidadão pós-histórico seria um sábio e cada sábio um cidadão pós-histórico.<sup>7</sup>

No Prefácio da PhG, Hegel prometera transformar o filósofo em sábio; no último capítulo descreve a atitude de quem já atingiu a “sabedoria”. A sabedoria é actualizada quando não existe mais finitude a superar. Para a pessoa religiosa seria Deus a transformar o conhecimento em verdade. Para o sábio hegeliano, é o Estado universal revelado no fim da história - realidade total, actual e mundana - que transforma o seu conhecimento universal, total e circular em verdade revelada.<sup>8</sup>

---

261.

5 “*Daran mitzuarbeiten, daß die Philosophie der Form der Wissenschaft näherkomme, - dem Ziele, ihren Namen der Liebe zum Wissen ablegen zu können und wirkliches Wissen zu ein, - ist es, was ich mir vorgesetzt*”, PhG p.12

6 PhG., p.550

7 PhG., p.59

8 Atingimos o que Eric Voegelin designou como mutilação final do poema *Freundschaft* de Schiller, uma visão condensada do que o fim da história significa para Hegel. In [“On Hegel: a Study in Sorcery”, Studium Generale, 24\(1971\), p.363 e ss.](#) Convém ter presente o que Schiller efectivamente escreveu: *Fand das höchste Wesen schon kein Gleiches/Aus dem Kelche des ganzen Seelenreiches (reino das almas)/schäumt ihm - die Unendlichkeit.* Hegel mutilou o poema com uma pseudo-citação: *Aus dem Kelche dieses Geisterreiches (reino de espíritos)/schäumt ihm seine Unendlichkeit.* O poema de Schiller vem em *Schillers Werke*, ed. Kürschner, Erste Teil, p.358 e pode traduzir-se “Embora o Ser Supremo não encontrasse igual/ Do cálice de todo o reino das almas / Espuma para ele - a infinidade.

Os versos que encerram a obra de Hegel traduzem-se “Do cálice deste reino dos espíritos

A Hegel não interessa o “reino das almas” mas sim o “reino dos espíritos”: não lhe interessa a salvação de almas mas tão só a história humana; não lhe interessa o cristianismo mas sim o imanentismo radical. As suas fórmulas negam a possibilidade de um infinito sobre-humano. A ciência pode ser revelada como o produto do fim da história. Atinge o que anunciara no prefácio, que o amor do conhecimento pode ser substitutivo pelo conhecimento efectivo, e a caridade pela fraternidade e a a história humana pelo fim da história. O Sábio tinha o seu Livro, a Ciência a sua Enciclopédia, a Humanidade o seu Estado universal, a História o seu Fim. Todas as fronteiras foram abolidas no Absoluto.

Ora, isto é tudo o que Lourenço sempre recusará como ortodoxia, depois de ter assumido as conclusões hegelianas contra o relativismo e o niilismo.

A dialéctica fechada de Hegel opera em toda a parte, quer na natureza, quer nos conceitos e acções do sujeito e seus efeitos no mundo. A dialéctica aberta de Lourenço opera no mundo da cultura onde os conceitos são intermediários entre experiência e a reflexão.

A dialéctica fechada de Hegel está contida e mesmo blindada no campo dos conceitos. A dialéctica aberta de lourenciana aguarda soluções da história e da interpretação da cultura e não se preocupa em fixar em conceitos as antecipações razoáveis com que vai operando.

A dialéctica fechada de Hegel conclui que a história só revela estádios distintos do absoluto. A dialéctica aberta de Lourenço recusa a intuição intelectual sobre o absoluto.

Em Hegel, o absoluto é conceito terminal que não gera nenhuma antítese. A dialéctica aberta lourenciana segue uma via que não é única nem necessária, revelando que a razão humana tanto constrói aberrações como pensamentos válidos. Vivemos entre o desejo de conhecer e as pulsões da consciência que distorcem esse desejo.

Eduardo Lourenço descobriu a par do alcance imenso do pensador germânico – somos todos pós hegelianos- a limitação crucial que reside em não aceitar factos virtualmente incondicionados. Quem capta os factos existenciais – seja a presença de Camus, seja a facticidade subjectiva de Kierkegaard. analisados em *Heterodoxia II*, de 1960, seja a imponderabilidade do eu, como Fernando Pessoa, descobre que não existe um sistema de ortodoxia mas nem por isso abdica de procurar a verdade contra os relativismos. É esta situação interina que impele o pesquisador a continuar a dialéctica aberta.

---

/Espuma para ele a sua própria infinidade”. Compare-se a leitura de Voegelin com o que Jean Hypolitte chama “adaptação” na sua tradução *La Phénoménologie de l’Esprit*, Paris, 1941, T. II, p.313 e com o que Hoffmeister afirma na edição Hamburg, 1952, aqui seguida.

## A insistência do subsolo filosófico

*Heterodoxia I* lançava caminhos que a reflexão lourenciana irá trilhar numa obra ensaística em que se destacam *Sentido e forma da poesia neo-realista*, em 1968, *O Fascismo Nunca existiu* de 1978, *O labirinto da Saudade*, em 1978, *Fernando Rei da nossa Baviera*, em 1986, *Nós e a Europa*, em 1988; é um conjunto de obras que fez de Eduardo Lourenço o mais importante ensaísta português dos últimos cinquenta anos, corajosamente situado contra dogmatismos e relativismos. A obra foi crescendo, muitas vezes como que aderente senão à espuma dos dias, decerto a um certo esplendor da multiplicidade que convém à idiossincrasia do autor, a quem nada do que humano lhe é estranho.

Recusando os reducionismos, valorizando a diversidade, as contradições do mundo e a contingência dos acontecimentos, procurando sempre o espírito, Lourenço, tal como o seu amigo Miguel Torga procurou o “universal sem muros”, o local a partir do global.. Foi este olhar cosmopolita que o libertou do “comentarismo ruminante” português. O principal objecto da sua análise vai sendo delimitado: trata-se das configurações do “ser português”. Como o próprio Lourenço escreve trata-se de “*compreender como é que funciona o imaginário português. O que é que nós somos. Nós somos aquilo que sonhamos, os mitos que construímos. Qual é a mitologia portuguesa? Em função de que horizonte é que a cultura portuguesa tem funcionado? O que é que ela tem de particular? Isso só se compreende examinando a poesia, a ficção*”.

Esta sua reflexão, como chamou a atenção Maria Manuel Baptista, não começa por inquéritos nem levantamentos sociológicos, linguísticos, nem historiográficos mas sim pela exposição do material da consciência nas criações culturais de Camões, António Vieira, Oliveira Martins e no seu incontornável Fernando Pessoa.<sup>9</sup> Neles recolhe vivências, impressões e conhecimentos, e trabalha-os com uma argúcia conceptual que por vezes numa só frase abre perspectivas inesperadas de compreensão,

Dotado de um finíssima sensibilidade de poeta – o poder de escrever como quem talha pedras, nas palavras de Sophia de Mello Breyner - Eduardo Lourenço sabe que o movimento de construção de conceitos é homólogo do movimento de metaforização, como indica Paul Ricoeur em *A Metáfora Viva*. E não esquece a paixão pela verdade, paixão de dialéctico, repassado de filosofia contra hegeliana. Entretanto, as aplicações ensaísticas surgirão segundo um ritmo que só os deuses conhecem e que Lourenço modestamente atribui “à sua preguiça” mas que revelam uma grande

coerência.

Tome-se *O Labirinto da Saudade*, visando os diversos tipos de «discurso identitário» acerca de Portugal<sup>10</sup> **Lourenço não está tanto preocupado com Portugal mas em "psicanalisá-lo"**: "Não escrevi estes ensaios para recuperar um país que nunca perdi, mas para o 'pensar' com a mesma paixão e sangue-frio intelectual com que o pensava quanto tive a felicidade melancólica de viver nele como prisioneiro de alma." Propõe a leitura de quatro textos ficcionais que problematizam a identidade nacional à luz de uma tensão entre a raiz da "portugalidade" e a sua assunção de messiânico destino ou hiperidentidade.<sup>11</sup> Como atestam as sucessivas edições de *Psicanálise Mítica do Destino Português* desde 1978, foi grande o sucesso desta tese da hiperidentidade.

Em "Pessoa Revisitado" (1973) Lourenço estabelece como, na esteira de muitos Romantismos e de muita filosofia idealista Fernando Pessoa rebentara com o "eu", o teimoso *self* anglo saxónico e nesse funerais de um certo humanismo instalara o drama em gente. Em **Fernando, Rei da Nossa Baviera**, Lourenço vai construindo a teia das interpretações de Pessoa desde o primeiro momento da *Presença* em que conta o eu e a originalidade; o segundo momento em que o poeta da hora absurda é criticado como reflexo de uma sociedade; um terceiro momento em que avassala o problema dos heterónimos e a diversidade e a unidade da obra ; um quarto momento - em que Lourenço se insere - que é o da aventura existencial em que a linguagem fala o ser; e um último momento em que os jogos de linguagem absorvem o conteúdo do poetodrama.

No livro de título paradoxal e iconoclástico - *O Fascismo Nunca Existiu* - o termo mais difícil não é 'fascismo' mas sim o 'existir'. O mais importante é determinar o que pesa na nossa existência, construída e desconstruída por actos individuais e colectivos; se a teia de intenções contraditórias que se adensaram com o 25 de Abril; se a dos paradoxos da normalização democrática, analisados no livro. Considera Eduardo Lourenço que «impensado enquanto presente», durante os quarenta e oito anos da sua concreta existência, o Fascismo passou a «impensável enquanto passado» após o 25 de Abril. *Viver Naturalmente*, foi o grande desígnio de Salazar para Portugal.

De um lado, estava o ditador e a sua ortodoxia. «*Não discutimos Deus e a virtude. Não discutimos a Pátria e a sua História. Não discutimos a Autoridade e o seu prestígio. Não discutimos a Família e a sua moral, não discutimos a glória do trabalho e o seu dever*» Lourenço sabe que os lexemas e os sememas desta frase são habitualmente tratados como provenientes de um "ovni

---

10 *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2000 (1ª Ed. 1978)).

11 . *Nós e a Europa ou as duas razões*. 3 ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990, p. 10).

fascista”.

Do outro, diz Lourenço , *“faltou à Revolução nascente a pedagogia viril e verídica que teria podido converter esse traumatismo em recordação fecundante. O delírio partidário achou preferível substituir à antiga mentira, institucionalizada em sistema, uma confiscação brutal e unilateral do direito à verdade, enfim, reconquistado.”* (...) *Assim se perdeu a ocasião única de um repensamento colectivo desse fenómeno histórico-político que foi a vida real do país durante quase meio século. E sobre este recalçamento se ergueu, ou se quis erguer, de raiz, um Portugal novo em folha.*<sup>12</sup>

O impensado deu no que deu. Quando interrogado em entrevistas sobre a mais notória figura portuguesa do séc. XX Lourenço indica 'Salazar' e sente-se que suspira *hélas...* Mas quando no famigerado concurso dos “grandes portugueses” Salazar foi o mais votado, revoltou-se porque *“a eleição de Salazar não é uma coisa inócua, porque significa, 30 anos após a revolução que trouxe a Portugal uma democracia de tipo europeu, a reabilitação da principal figura do regime que essa revolução depôs..... No fundo a culpa é esse grande consenso político, quase sonambúlico, que é o nosso”*.<sup>13</sup>

### **As configurações da identidade nacional**

Em todos estes exemplos de tratamento das configurações da identidade nacional , temática que Lourenço tratou ao longo de mais de seis décadas de intenso e quase obsessivo labor, desoculta-se um mesmo modo de pensar que é uma Filosofia.

Lourenço não é um crítico literário. Usa as suas impressões, as suas vivências, o seu espírito crítico, a sua capacidade de metaforização para conviver com os grandes autores na sua imaginação e da razão. Não pretende ser “rigoroso”, “objectivo”, “científico” nem se deixa enredar nas armadilhas da subjectividade de apenas ensaiar leituras do real.

Também não pretende ser historiador. A história de que ele fala não é a “história dos cientistas” mas é sempre a da passagem do tempo, da precariedade trágica da vida. A fenomenologia do espírito e da história (nacional ou europeia), é uma tentativa de encontrar as configurações da consciência - a que gosta de chamar mitos porque dinamizam vontades e emoções para um projecto que aí está por fazer.

Também não devemos situar Eduardo Lourenço no âmbito dos anglófonos *Cultural Studies*, nem da História das Ideias ou da Sociologia da Cultura. Lourenço transgride todos estas disciplinas,

---

12 in *O Fascismo Nunca Existiu*: Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1976

13 In “Retrato de um pensador errante”, por Luís Miguel Queirós, *Público*

criando uma espécie de espaço Schengen epistemológico que nos ajuda a delimitar a sua reflexão: há realidades que ele pode explicar, mas outras há que deixa em branco.

O que Eduardo Lourenço faz é aplicar à realidade cultural uma dialéctica aberta que desde muito cedo interiorizou em *Heterodoxia*. Conhece demasiado bem o que valem as filosofias espartilhadas na produção classificatória para se contentar em trabalhar com conceitos sistemáticos. A partir da abordagem reflexiva e qualitativa das criação ficcionais constrói modelos da realidade política, social e cultural concreta. Este procedimento não é uma metodologia no sentido em que permita qualquer género de controlo ou verificação pela comunidade científica; e estou convencido que ele comentaria “ E ainda bem!”. Mas é um discurso eminentemente filosófico, de feição contra-hegeliana.

Eduardo Lourenço é um “mitólogo”, como já foi por diversas vezes referido, embora atribua ao conceito de “mito” uma acepção muito diferente da vulgar. Nele existe uma evolução da noção desde a tradição hegeliana ( e marxista) do mito como pura alienação, para o entendimento do mito como ideia prospectiva e com capacidade para um povo tomar consciência de si. Esse é o caso das suas obras mais recentes, em especial *Portugal Como Destino* onde reactualiza a *Psicanálise Mítica do Destino Português*.

O que entende por "mitos nacionais" são as auto-representações de um povo que surgem na História, veiculadas pela cultura popular e erudita. Aí se incluem também os “contra-mitos”, ou seja as imagens opostas às mitologias mais gerais e vigentes. Há que considerar que não há uma “mitologia nacional” mas muitos mitos a circular, sobre os mais diversos aspectos, com conteúdo diverso e servindo os propósitos mais díspares. A distinção convencional entre mitos de conteúdo metafísico (Sebastianismo, Ourique), mitos ideológicos (Expansão, Decadência) e mitos "vulgares" ou estereótipos ( brandos costumes) é pouco operacional, pois o problema não está na origem dos mitos mas na forma como deles nos apropriamos. O que há a fazer é avaliar do conteúdo de tais mitologias e determinar se são positivas, e se projectam mais sentido na nossa realidade, ou se são ideológicas e alienantes.

Lourenço incorre no risco de “mitologizar” a realidade nacional. Portugal aparece sob uma perspectiva do “país do irrealismo”; a alternância entre momentos de entusiasmo e de depressão, e sentimentos de grandeza e de inferioridade; a dos choques entre um passado ficcionado e um futuro idealizado; a das secretas complementaridades entre o neo-realismo e a chamada filosofia portuguesa;

É claro que o “valor” dos mitos é muito difícil de determinar. A Lourenço não lhe interessa a abordagem estruturalista que se concentra no elemento funcional e despreza o conteúdo e o valor do

mito: tal como Hans Blumenberg, está convicto que o mito é a resposta humana ao sentimento de carência que é o ponto de partida da existência. E para lhes determinar o valor, é necessária uma reflexão colectiva que alcance até à utopia. Um povo só pode determinar se um mito nacional é “valioso” ou “não valioso” na medida em que responde à questão fundamental de saber quem é e para onde quer ir. Conforme o conteúdo de cada mito, ele pode ser valioso, apontar para um futuro para onde valha a pena dirigirmo-nos ou, pelo contrário, paralisante e criador de “melancolia nacional”....Ora é isso que Lourenço procura comunicar; colocar a nação a reflectir sobre que país quer, a partir do passado que teve. Cabe a todos contribuir para essa escolha, partindo de uma consciência de si fecunda.

### **Pistas rasgadas e silêncios por explorar**

Entre as leituras sobre Portugal que têm sido produzidas nas últimas décadas, a de Lourenço tem provado ser uma das mais ricas, criativas, complexas e desafiantes. À recepção do seu pensamento tem-se acrescentado nos últimos anos, uma consagração que, para ele, deve ter tanto de consolador como de desafiador. As suas ideias têm sido mais estudadas, as suas análises têm sido mais discutidas, as suas intuições têm sido, ora mais partilhadas ora mais contestadas.

Mais do que impossíveis balanços, valeria a pena perguntar em que sentido, a sua obra deve ser continuada para ser fiel ao seu compromisso com a verdade e a liberdade e à sua dialéctica aberta.

Eu diria que em uma direcção importante.

Portugal fez uma má desmarxização porque abandonou a ideologia sem encontrar uma utopia. Talvez por isso passou-se a falar em pragmatismo e anunciou-se, com uma década de atraso, o “crepúsculo das ideologias”, levando os intelectuais a tornar-se agenciadores de políticas, e os políticos em agenciadores de negócios, O espectro que hoje paira sobre Portugal é o do pensamento único” como diz Eduardo Lourenço em recente entrevista. “ *O mundo é uma Bolsa. E, portanto, o jogo político, que tinha uma dimensão própria, é hoje o subproduto de um jogo muito mais profundo e radical, que é o das forças de transformação da sociedade, que são de ordem económica, financeira e científica. São elas que comandam tudo o resto.*<sup>14</sup>

Creio que devemos assumir este desafio: quanto melhor compreendemos como todas as actividades se processam num tecido económico, mais precisamos de repudiar os abusos dos poderes financeiros privados e da fiscalidade estatal. Precisamente pelo que Eduardo Lourenço chama a paixão do espírito pela verdade e liberdade, temos que

saber que os problemas económicos não se resolvem apenas com soluções económicas. Organizamos a sociedade com a política e com medidas de segurança e defesa; orientamos a nossa vida com filosofias e doutrinas transmitidas pela vida cultural; aumentamos o conhecimento com a investigação científica e o desenvolvimento; mantemos a nossa memória com o património que construímos e preservamos; moderamos os conflitos e regulamos a equidade mediante os tribunais: protegemos e sustentamos a saúde com sistemas apropriados; e passamos esta herança cultural a novas gerações através do sistema educativo.

A esse mesmo subsolo filosófico donde Lourenço soube extrair ao longo de quase sessenta anos de afastamentos e proximidades, as mais ricas reflexões sobre o ser português, devemos ir buscar um tónico de reflexão. Mas para isso, Portugal precisa de uma revolução cultural. A expressão é muito forte. Mas não encontro outra que possa corresponder ao que José Gil chamou o medo de existir e ao apelo de quem, em 1954, *“saiu mas nunca saiu de Portugal”... Porque quando parti daqui ... já tinha um problema com Portugal*”. É imperativo escutar e responder a este apelo de Eduardo Lourenço, o português sem fronteiras, finalizando com as suas mesmas palavras. *“A compreensão de Portugal foi, também, a minha maneira de não perder Portugal, de estar cá não estando.”*<sup>15</sup>